

FREIDA McFADDEN



ATÉ O ÚLTIMO DE NÓS

UM POR UM, TODOS ELES TERÃO O QUE MERECEM

"A cada capítulo você se vê mais enredado em uma teia de suspense, até ficar impossível escapar. Quando achar que descobriu tudo, a verdade fará seu queixo cair." – Rodrigo de Lorenzi, booktoker





Para Libby e Melanie
(como sempre)





PRÓLOGO

ANÔNIMO

Seremos seis.

Seis adultos. Espremidos feito sardinhas enlatadas em uma minivan para seis pessoas, junto com toda a bagagem sem a qual achamos que não conseguiríamos sobreviver durante nossas férias em uma requintada pousada de luxo. Nossa reserva é para seis dias. Seis dias de trilhas e banheiras de hidromassagem. Seis dias longe da civilização.

Minha mãe era uma mulher religiosa. Por isso sei que, no sexto dia, o homem e a serpente foram criados. A serpente que acabou convencendo Adão e Eva a comer o fruto proibido e fez com que os dois fossem expulsos do Jardim do Éden para sempre, lembra? É por isso que o número seis representa tanto o homem quanto o mal que o enfraquece.

No Apocalipse, 666 é o número do demônio. O sexto mandamento é “Não matarás”. Seis não é um bom número.

Não tenho religião. Não vou à igreja. Não acredito em um poder superior. Para mim, seis é um número como qualquer outro. Mas sei que cada uma dessas seis pessoas esconde de todos um segredo.

Posso contar o meu agora mesmo:

No final desta semana, apenas um de nós voltará vivo para casa.





UM

CLAIRE

Não sei em que momento comecei a odiar meu marido.

Nem sempre foi assim. Quando nos casamos, há mais de dez anos, demos as mãos e jurei que o amaria para sempre. Até que a morte nos separasse. E fui *sincera*. Com cada fibra do meu ser. Eu realmente acreditava que passaria o resto da vida casada com Noah Matchett. Imaginei nós dois envelhecendo juntos, de mãos dadas, sentados em cadeiras de balanço iguais em uma casa de repouso. E, quando o padre nos declarou marido e mulher, eu me dei os parabéns por ter escolhido o homem certo.

Não sei bem o que aconteceu de lá para cá. Mas não suporto mais esse cara.

– Cadê minha camiseta da UChicago, Claire?

Noah está debruçado sobre a primeira gaveta da cômoda dele, as sobrelhas franzidas enquanto os olhos castanho-claros estão fixos no conteúdo lá dentro. Ele dá um pigarro, o que sempre faz quando está muito concentrado em algo. Eu costumava achar isso fofo e charmoso. Agora acho irritante. Irritante como unhas arranhando um quadro-negro.

– Sei lá. – Pegó umas blusas na gaveta da minha cômoda e enfio na mala marrom que está aberta em cima da cama. – Não tá na gaveta?

Ele olha para mim e franze os lábios.





– Se estivesse na gaveta, por que eu estaria te perguntando?

Hum. Talvez seja por isso que odeio meu marido. Porque ele virou um grande babaca.

– Não sei onde tá a sua camiseta. – Começo a separar meus sutiãs. É preciso levar quantos para uma viagem de uma semana? Nunca tenho certeza. – A camiseta é *sua*.

– Sim, mas foi *you* que lavou a roupa.

– E daí? – Enfio quatro sutiãs na mala; deve ser o suficiente. – Você acha que, enquanto tô lavando roupa, fico pensando comigo mesma “Ah, olha aqui a camiseta da UChicago do Noah... melhor colocar num lugar especial, e não na gaveta onde coloco todas as outras camisetas dele que já lavei na vida”?

Ele revira os olhos para mim e vasculha a gaveta mais uma vez.

– Bem, aqui não tá.

– Não sei mais o que te dizer, Noah.

Ele esfrega a barba espetada no queixo, que, embora escura, tem um toque grisalho. Faz três dias que não faz a barba porque está trabalhando de casa. Ele não liga para a própria aparência, a menos que tenha que ir trabalhar presencialmente.

– Será que você colocou na cômoda do Aidan por engano?

É improvável, pois nosso filho de 9 anos lava a própria roupa. De alguma maneira, meu filho que está no quinto ano consegue lavar as próprias roupas, mas meu marido adulto não. Desde o momento em que nos casamos, lavar a roupa se tornou automaticamente minha responsabilidade. Não houve discussão. A esposa lava a roupa. Fim de papo.

– Fique à vontade pra dar uma olhada na cômoda do Aidan – digo.

Noah me lança um olhar furioso e sai pisando firme em direção ao quarto do nosso filho, com os pés grandes rangendo no assoalho. Ele não vai encontrar a camiseta lá. Eu poderia apostar um milhão que está na primeira gaveta, onde ele procurou o tempo todo.

Em apenas algumas horas, vamos embarcar numa viagem de uma semana para uma pousada aconchegante localizada no norte do Colorado. Serão cerca de quatro horas de carro até lá, seguidas de uma semana de bufês de café da manhã, jacuzzi, trilhas pela natureza e um lago com trutas que ficam saltando da água. É ao mesmo tempo uma chance de ficar longe





da cidade (ou, no nosso caso, dos calmos arredores da cidade) e ainda desfrutar de banhos quentes e TV a cabo. Mal posso esperar.

Bem, exceto pelas quatro horas dentro de um carro com meu marido. Que provavelmente não vai parar de falar sobre a camiseta besta da UChicago.

Coloco um punhado de meias na mala e vou até a cômoda de Noah. Tenho duas cômodas abarrotadas e um armário cheio de roupas, enquanto Noah tem apenas uma cômoda e algumas camisas sociais no armário. Quando nos conhecemos, ele costumava implicar comigo por conta da quantidade de roupas que eu tinha comparada a ele. Até hoje implica com isso, mas agora as piadas são bem menos engraçadas.

Se você comprar mais uma blusa, vamos ter que comprar outra casa só pras suas roupas, Claire.

Também não é para tanto. Minha amiga Lindsay tem literalmente um *cômodo inteiro* só para as roupas dela. Mas ela não é casada, então pode fazer o que quiser sem que outra pessoa critique cada movimento seu.

Reviro a gaveta, vasculhando as inúmeras camisetas cinza e pretas. Noah nunca foi fã de cores vivas; tende a ficar na escala de cinza. Uma vez, comprou uma camiseta verde. Essa foi sua crise de meia-idade.

Depois de apenas alguns segundos, vejo um lampejo de marrom enfiado em um canto da gaveta. Tiro a camiseta e vejo a palavra UChicago escrita na frente em letras desbotadas. Noah tem essa camiseta desde que o conheço. É a favorita dele.

Por um momento, sinto o impulso de enfiá-la no fundo da lixeira e não falar nada. Ele vai ficar louco atrás dela. E, sério, ela precisa ser aposentada. Tem um buraco se formando na gola e a bainha está toda desgastada.

Por outro lado, já escondo segredos suficientes do meu marido. E não quero abrir mão do mais puro prazer de informá-lo de que a camiseta estava na gaveta o tempo todo.

– Mamãe?

Minha filha de 7 anos, Emma, está parada na porta do nosso quarto, me observando pensar no que fazer com a camiseta favorita do pai dela. Embora a gente já tenha tomado café da manhã, ela ainda está vestindo o pijama da *Frozen* azul-royal com pequenos flocos de neve. Culpada, enfio a camiseta de volta na gaveta e me viro para sorrir para Emma. Ela não sorri de volta.





Enquanto seu irmão mais velho está animado com a ideia de passar uma semana com a tia Penny, Emma está definitivamente apavorada. Na última semana, ela se enfiou na nossa cama queen size todas as noites para dormir conosco. Felizmente, Noah e eu dormimos com um espaço do tamanho do Oceano Atlântico entre nós.

– O que houve, meu bem? – pergunto.

O lábio inferior de Emma treme. Ela corre até mim e envolve meus quadris com seus braços magrinhos. – Não vai, mamãe. *Por favor.*

– Emma...

Tento me desvencilhar, mas ela está grudada em mim feito cola. É adorável. Por mais que eu não goste do meu marido, amo meus filhos. Sempre gostei de crianças. Em parte é por isso que me tornei professora. Nada me deixa mais feliz do que ver sorrisos iluminando aqueles rostinhos.

Abaixo a mão e afasto os cachos castanho-claros úmidos do rosto de Emma. O cabelo dela se parece com o meu, mas ainda é macio como o de um bebê. Eu me inclino e enterro o rosto nele; tem o cheiro do xampu de melancia que ela usa.

– É só uma semana, meu amor – digo.

Ela olha para mim com as bochechas cheias de lágrimas.

– Mas e se acontecer alguma coisa com você?

Não sei como minha filha de 7 anos se tornou tão paranoica. Ela se preocupa com tudo, inclusive com coisas com as quais nenhuma criança deveria se preocupar. Por exemplo, quando circulou um boato de que haveria uma greve de professores no ano passado, ela ficou tensa com a possibilidade de eu não ter emprego e não podermos comprar comida. Que criança de 7 anos pensa em coisas assim?

– Por que você tá tão angustiada, Emma?

Ela morde o pequeno lábio inferior rosado.

– Você vai pra floresta.

Não a julgo por se preocupar, se é isso que ela acha. Noah e eu definitivamente não somos o tipo de casal que gosta de “atividades ao ar livre”, por assim dizer.

– Não precisa ter medo. O hotel onde vamos ficar hospedados é ótimo. Vai ser bem seguro.

– Mas eu sonhei que...





– Que o quê?

Emma franze o rosto.

– Que um monstro da floresta comia vocês!

É risível, é claro. Vamos passar a maior parte da semana aproveitando as comodidades do hotel e, se nos aventurarmos a sair, vamos circular por locais restritos, como trilhas para os turistas fracotes da cidade. E, mesmo que não fôssemos fazer nada disso, tenho certeza de que o que Emma está imaginando é uma criatura azul qualquer parecida com o Come-Come da Vila Sésamo, que surge da natureza e nos enfia na boca de uma só vez.

No entanto, Emma às vezes tem uma intuição esquisita sobre as coisas. Certa noite, ela entrou no nosso quarto às duas da manhã chorando após ter sonhado que o vovô Joe havia morrido. Dois dias depois, meu pai, aparentemente saudável, não resistiu após um ataque cardíaco fulminante. Noah achou tudo uma grande coincidência, mas jamais me esqueci.

Por mais que eu odeie admitir, a premonição de Emma está me deixando desconfortável.

Talvez essa viagem seja um erro.

Olho para as duas malas em cima da cama. A de Noah, com as roupas enfiadas de qualquer jeito, e a minha, com tudo dobrado perfeitamente. E se eu dissesse a ele que não quero ir? Será que ele ia surtar? Ou ficaria aliviado por não ter que passar a semana inteira com alguém que odeia?

Mas em seguida ouço a risada dele vindo da porta. Pelo visto, ele ouviu toda a conversa.

– Emma! – Ele está na porta de braços cruzados. – Você não tá preocupada de verdade com isso, né?

O lábio inferior de Emma continua tremendo.

– Você sabe que monstros não existem! – Ele inclina a cabeça para o lado. – Bem, tirando os... monstros que fazem cosquinha!

Apesar da preocupação, os olhos castanhos de Emma se arregalam de entusiasmo. Depois de um minuto de cócegas, ela parece ter esquecido tudo sobre o tal sonho assustador. Como é bom ser criança, poder viver o momento e esquecer tudo com a ajuda de uma sessão de cosquinha.

Noah é ótimo com as crianças. Não dá para negar. Elas adoram o pai, e ele as ama tanto quanto eu. E é por isso que ainda estamos juntos, apesar





de desprezarmos um ao outro. Embora nunca tenhamos dito isso em voz alta, ambos sabemos que continuamos juntos por causa dos nossos filhos. Por enquanto.

– Muito bem – diz Noah para Emma. – Sua tia Penny vai chegar a qualquer momento. A sua mala já tá pronta?

Comparamos para Emma uma mala de rodinhas da *Frozen* especialmente para essa ocasião. Ela ficou muito animada quando ganhou.

– Quase.

– É melhor terminar logo. – Ele arqueia uma sobrancelha. – Ou então... o monstro da cozinha pode voltar...

Ele simula garras com as mãos, e Emma dá um gritinho e foge do quarto. Ele a observa sair, com um sorriso torto no rosto. Por um instante, eu me lembro de quanto o amava. De como nos divertíamos juntos. De como meu corpo inteiro vibrava de expectativa quando eu sabia que ele ia me levar para jantar fora. Noah costumava me fazer rir da mesma forma que faz Emma rir.

Fico me perguntando se conseguiríamos consertar as coisas. Talvez, se eu disser algo gentil agora, em vez de fazer meu comentário sarcástico habitual, ele sorria e dê risada. E talvez pudéssemos usar essa viagem como uma oportunidade de recuperar nosso relacionamento. Talvez não seja tarde demais para nós dois.

Mas então Noah se vira para me olhar e o sorriso se esvai de seu rosto.

– Você perdeu minha camiseta – diz ele.

– Estava na sua gaveta o tempo todo, espertão.

Não vamos consertar as coisas hoje. Nem nunca.





DOIS

CLAIRE

Minha irmã Penny sobe a rampa da nossa garagem às nove e meia em ponto para buscar as crianças. Meu primogênito, Aidan, que é muito tranquilo, aceita um beijo na bochecha, depois entra obedientemente no Honda CR-V e coloca o cinto de segurança. Faz bem pouco tempo que deixou de usar a cadeirinha, e ele leva essa responsabilidade muito a sério.

Emma é outra história. Ela se agarra com firmeza no meu quadril, e todo o consolo proveniente do ataque de cosquinha já se foi há muito tempo.

Penny aparece na lateral do carro, com seu rabo de cavalo loiro balançando enquanto limpa as mãos na calça de ioga.

– O que houve, Em? Não quer passar uma semana superdivertida com a tia Penny?

Emma vai se divertir muito com Penny. Minha irmã tem três filhos, e eles estão sempre atolados até o pescoço em algum projeto emocionante (e confuso), geralmente culinário. Ou artístico, envolvendo macarrão. E ela tem um escorrega no quintal. Mas, neste momento, minha filha não está nem aí. Responde afundando a cabeça na minha barriga.

– Ela sonhou que um monstro comia a gente – explico.

– Ai, que medo! – Penny assente em sinal de solidariedade. – Mas acho que não tem nenhum monstro onde sua mãe e seu pai estão indo, Em. Eles





vão pro norte do Colorado, e todos os monstros moram no sul. Então eles vão ficar bem.

Outra criança poderia ter sido persuadida, mas Emma é filha de um físico. Ela tem um raciocínio lógico impecável. Por isso, apenas lança um olhar de desprezo para Penny e volta o rosto para o meu quadril.

Pela segunda vez nesta manhã, fico pensando se essa viagem não é um erro. Eu já estou brigando com Noah, e agora vamos passar *quatro horas* juntos dentro de um carro. Às vezes, ter nossos amigos no carro conosco ameniza as brigas, mas frequentemente eles são apenas uma plateia que serve para deixar claro, de maneira constrangedora, o quanto Noah e eu passamos a nos detestar.

Talvez seja melhor eu ficar em casa. Ainda não é tarde demais para mudar de ideia. Noah pode ir sem mim.

Mas, pensando bem, há outro motivo para eu querer fazer essa viagem. E o valor da reserva não é reembolsável.

Juntas, Penny e eu damos um jeito de soltar Emma do meu quadril, em grande parte diante da promessa de muito, muito sorvete. Colocamos a bagagem das crianças no porta-malas, e elas estão prontas para partir. Sinto uma pontada de tristeza, sabendo que vou passar uma semana inteira longe dos meus bebês. Embora a gente viaje todo ano, é sempre doloroso.

– Vou cuidar bem deles – promete Penny.

– Obrigada.

Sei que vai. Ela é tipo uma supermãe. Entre minhas constantes discussões com Noah e minha rotina atribuladíssima como professora de educação especial, às vezes sinto que não estou conseguindo ser mãe. Mas jamais abriria mão do meu trabalho: sou completamente apaixonada por ele.

– Aliás. – Ela abaixa um pouco a voz. – Você contou pro Noah...?

Dou uma olhada na direção de casa. Noah ainda está fazendo as malas lá em cima, no nosso quarto.

– Não. Ainda não.

Ela arregala os olhos.

– Claire, você tem que contar! Quando vai falar com ele?

– Logo, logo, tá? – Não quero falar da discussão besta por conta da camiseta dele. – Conto antes de chegarmos lá.

Ela me lança seu clássico olhar de “sou sua irmã mais velha e te conheço





bem”. Odeio esse olhar. Principalmente porque ela tem razão. Noah e eu precisamos ter uma conversa o mais rápido possível. Não posso pegá-lo de surpresa nisso.

– Vou falar com ele assim que entrarmos no carro – garanto. – Antes de chegarmos na Lindsay.

É, essa viagem vai ser mesmo interessante.

Dou um abraço de despedida em Penny e me abaixo para dar um último beijo nas crianças no banco de trás. Emma se agarra em mim com muita força. Por que não consigo afastar essa sensação de mal-estar? Desde que nos casamos, todos os anos fazemos uma viagem semelhante. É a primeira vez que tenho um sentimento tão ruim em relação a isso.

Foi só um sonho bobo da Emma. Sei que é ridículo, mas está pesando na minha consciência. Preciso tirar isso da cabeça. Antes que acabe arruinando a semana.





CONHEÇA OS LIVROS DE FREIDA McFADDEN

O detento
Até o último de nós

SÉRIE A EMPREGADA

A empregada
O segredo da empregada
O casamento da empregada (apenas e-book)
A empregada está de olho

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

